



INTERSECÇÃO E ALTERIDADE: SEXUALIDADE E RAÇA NA OBRA *BOM CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA

Diego Ramon Souza PEREIRA¹
Núbia Regina MOREIRA²

Resumo: O problema norteador deste trabalho é compreender como as categorias raça e sexualidade aparecem na relação entre Amaro e Aleixo dentro de um contexto inter-racial entre homens, na obra *Bom Crioulo*. Perceber como a moral, os costumes do século XIX aparecem na obra literária de Adolfo Caminha são um dos objetivos traçados, assim como procuraremos demonstrar como a sexualidade presente na relação inter-racial é tratada de acordo com o período da produção literária do autor. Entre os apontamentos conclusivos percebe-se que na obra a construção da sexualidade deu-se decorrente da articulação entre a demarcação dos papéis sexuais especialmente no que tange a masculinidade, em Amaro, e a feminilidade em Aleixo, assim como o binarismo: natureza *versus* cultura.

Palavras-chave: *Bom Crioulo*; literatura; raça; sexualidade.

Introdução

No estudo do pensamento social observamos a produção intelectual de uma determinada época através das estruturas da sociedade, ou melhor, do conhecimento científico produzido nas relações sociais (BOURDIEU, 2004). Assim, podemos nos valer de variadas formas de manifestação artística como: utilizar a música, a imagem fílmica ou fotográfica, a literatura entre outras linguagens artísticas e culturais como instrumento para percepção e entendimento da vida cotidiana, dos costumes, do pensamento social, das mudanças sociais que marcam a construção de um imaginário sobre a sociedade. Tal idéia parte do entendimento de que as produções artísticas, de maneira ampla, dialogam e ao mesmo tempo contribuem para a construção de nossa representatividade como marcas de determinados períodos históricos.

Neste sentido, a literatura pode ser utilizada como recurso para a compreensão da realidade social e pode ser um excelente instrumento de reflexão para pensar questões como corpo, sexualidades, relações de gênero, afeto/desejo, relações raciais e étnicas, entre outros que marcaram e ainda possuem configurações hoje na construção do

¹Docente da Educação Básica da Rede Estadual da Bahia. Licenciado em Ciências Sociais, especialista em Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras.

² Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UNB), docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e da Especialização em Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras.



pensamento social brasileiro. O presente trabalho seguiu nesta linha e teve por indagação de pesquisa: compreender como as categorias raça e sexualidade aparecem na relação entre Amaro e Aleixo, na obra literária *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Nas últimas décadas do século XIX e adentrando pelas primeiras décadas do século XX, período histórico que norteia os enredos romanescos de Adolfo Caminha, temos três grandes movimentos literários no Brasil: o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo (COUTINHO, 1997). Antonio Candido (1980) denomina este período da literatura brasileira, como pós-romântico, visto que estes movimentos literários possuíam por foco central mostrar a realidade social no intuito de muitas vezes chocar os costumes e valores da época. Merquior (1996) afirma que as características (retrato da realidade social, determinismo biológico, cientificismo entre outras) são comuns a estas três escolas literárias (Realismo, Naturalismo e Parnasianismo). Conforme aponta Lukács (2000), a literatura, possui o intuito de atender os desejos de reflexão e/ou diversão da burguesia, e por isso acaba apontando valores altamente ideológicos (*vide* também WILLAMS, 1979).

Com isso, diversos autores se destacam neste período no contexto brasileiro: Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro, Raul Pompéia, Olavo Bilac. Entre os literatos desta época, estudaremos o itinerário intelectual de Adolfo Caminha, especialmente o romance *Bom Crioulo* (1895). A escolha desta obra deu-se pelos elementos singulares trazidos em suas narrativas, os quais são de extrema importância para este trabalho, já que tal romance configura-se como a primeira obra literária brasileira a ter um protagonista negro que se envolve sexual e afetivamente com outro homem (AZEVEDO, 2002; COUTINHO, 1997).

Para Poutignat e Streiff-Fenart (1998) as teorias em torno da etnicidade demonstram os múltiplos interesses intelectuais que vão desde a associação do termo etnia como comunidade até o sentido neocolonizador. Todavia para este trabalho não será usado interétnico, pois o entendimento que se há sobre o casal protagonista (Amaro e Aleixo) é um entendimento racializado e não inseridos dentro de campos simbólicos específicos cujos personagens se apropriam de determinados elementos de seus domínios culturais para confrontar ou referendar as estruturas sociais pré-estabelecidas (BOURDIEU, 1999; 2004).

A trama romanescas desenrola-se em pleno século XIX, durante um período denominado pelos estudiosos na literatura brasileira como Naturalismo. Este período da literatura brasileira é apontado como a radicalização do Realismo, o qual tem como



característica principal a crítica aos costumes burgueses na época e as instituições sociais. Já as obras literárias naturalistas possuem por elementos: o ser humano está condicionado às suas características biológicas e ao meio social que vive, com isso muitos personagens levam a prevalência dos instintos, da violência, da loucura, da miséria humana e social (COUTINHO, 1997; MERQUIOR, 1996).

Entendendo o contexto... levantando hipóteses

A sexualidade entre homens dentro de um contexto inter-racial, tendo por período histórico o final do século XIX e início do XX configura-se dentro do binarismo natureza e cultura, sendo o elemento negro vinculado a natureza e consequentemente a *persona* branca deste casal agregada a imagem da cultura. Neste sentido, reflexões sócio-antropológicas levantadas por Bourdieu (1999), Bozon (2004) a partir de diversos contextos sociais inter-raciais nos levam a notar que a dicotomia natureza *versus* cultura aparece em diversas situações da vida amorosa do casal Amaro e Aleixo protagonistas da obra.

Para se entender o binarismo natureza *versus* cultura faz se necessário o entendimento das questões a cerca da categoria de gênero e de sexo. Conforme aponta Heilborn (1992) as produções acadêmicas sobre os papéis das mulheres, que foi intensificado nos anos 70 do século XX, estudos sobre as relações com o trabalho, a vida doméstica entre outras esferas do social apontou para certo abuso da categoria de gênero e concomitantemente certa ligação com a categoria sexo. É válido salientar que a autora diferencia-os partindo da premissa que as identidades de gênero são socialmente construídas e neste sentido o *status* e papéis de gênero exercidos pelo indivíduo ou a eles atribuído, vide alguns grupos indígenas relatados pela autora, podem não necessariamente reporta-se ao sexo biológico.

O contexto colonial e o entendimento de Brasil: o critério da raça

A partir disso, o processo de mestiçagem já corrente no percurso histórico brasileiro chocava-se como o projeto de civilização pulsante no início da república, já que conforme apontado por Schwarz (1993) era notório que o processo migratório europeu do nosso país, tão estimulado pelo recém-criado Estado brasileiro tinha como pano de fundo a extirpação genotípica dos africanos e, ao longo do tempo, a branquitude



fenotípica da população. Nesse aspecto, os filhos e filhas das relações sexuais entre sujeitos dos diversos grupos étnicos, seres mestiços, o determinismo biológico, as marcas das práticas servis e da escravidão são elementos básicos que aparecem no pensamento intelectual de Nina Rodrigues (2008a; 2008b).

Rodrigues (2008a; 2008b) se debruça sobre os caminhos da nação³, sendo a mestiçagem, de acordo com ele, o real motivo do nosso atraso. O centro de análise para o autor é o tema racial e os seus envoltórios. Com isso, as teses evolucionistas que rondam o pensamento da intelectualidade brasileira, no século XIX, são associadas às idéias racialistas importadas por Rodrigues (2008a), para a compreensão do fenômeno da mestiçagem em terras tupiniquins:

A escravidão extinguiu-se, o negro é um cidadão como outro qualquer, e entregue a si poderia suplantar ou dominar o branco. Entretanto, domina no país a simpatia da campanha abolicionista e instintivamente todos se querem pôr de protetores da raça negra (RODRIGUES, 2008b, p. 21).

De acordo com o fragmento, há no pensamento deste autor um receio a insurgência do negro, ao qual foi forjado o *status* de cidadão, contra o branco. Não foram fornecidos pelo Estado meios de sobrevivência, formas de incentivo econômico para a população negra por isso foi imputado à sua imagem um *status* de cidadão de segunda categoria. Mesmo com o receio do levante negro, que é também compartilhado por Nabuco (2003), Nina Rodrigues (2008a, 2008b) afirma que o que está sendo hegemônico no país é dar proteção ao negro, dotá-lo de direitos.

Apesar da obra de Nabuco (2003) focar a questão do processo escravista racial no Brasil, com ênfase no abolicionismo, sendo este o nome da obra, o pensamento deste autor, assim como o de Rodrigues (2008a, 2008b), foi influenciado pelas teorias racialistas europeias a exemplo de Gobineau, Le Bon entre outros darwinistas sociais, que pregavam a inferioridade negra. Todavia, Nabuco (2003), atrelado com as questões econômicas, compreende que um país em vias de modernização não podia ter a

³ Anderson (2008) refuta a ligação eurocêntrica de nação que atrela este ao movimento imperialista do final do século XIX. Este teórico afirma que a nação deve ser entendida como uma comunidade limitada, soberana e, sobretudo, imaginada. A noção de limitada remete ao quanto maior que ela seja, sempre haverá fronteiras finitas; soberana pois pressupõe lidar com um grande pluralismo (intelectual, cultural e outros) e finalmente imaginada, porque seus indivíduos, mesmo não conhecendo integralmente uns aos outros, compartilham signos e símbolos comuns, que os fazem reconhecer-se como pertencentes a um mesmo espaço imaginário.



escavidão como assoalho das relações produtivas, por isso o mesmo defendia não só a retirada dos negros da senzala, como também temeroso de uma insurgência dos “de cor” responsabilizava o Estado para que fornecesse mecanismos para estes sobreviverem.

Elias (2001) aponta que o processo de civilização, decorrente do elo estabelecido entre fatores sociais e psíquicos, resultou em uma sociedade dos indivíduos cuja configuração seja a implantação do Estado Moderno e das transformações de costumes ditos arcaicos para algo moderno, europeu, embranquecido. No caso da realidade brasileira do final do século XIX e início do século XX, contexto histórico do romance analisado, foi quando se instaurou este projeto civilizatório, tendo os elementos culturais negros alvo de extermínio.

Quando Rodrigues (2008b) aponta as contribuições do elemento negro na formação do nosso país ele o faz de maneira degradante, conforme se verifica:

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificados que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus defensores, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo (p. 24).

164

Neste sentido, o intelectual novamente afirma os seus pressupostos racialistas para colocar a culpa do “subdesenvolvimento”, na população de cor negra. Mesmo sendo marginalizada e inferiorizada a “raça negra”, de acordo com ele, não justificaria o processo de dominação feita pelo elemento branco na época colonial do nosso país, conforme percebe-se:

O critério científico de inferioridade da raça negra nada tem de comum com a revoltante exploração que dele fizeram os interesses escravagistas dos norte-americanos. Para a ciência, não é essa inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual de desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções (2008a, p. 22)

A questão da civilidade e do refreamento das pulsões conforme apontado por Elias (2001) insere-se de certo modo dentro da discussão feita pelos autores do início do século XX, como por exemplo, Rodrigues (2008a; 2008b). Já que para o primeiro autor a modernização dos grandes centros europeus veio acompanhando de uma série de



restrições e de punições para parte da população, no caso do Brasil esta parcela sofredora foi majoritariamente a população negra e seus descendentes.

O sentido de nação para o Brasil permeou o pensamento dos intelectuais do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Os quais se debruçaram sobre as marcas deixadas e ainda presentes no processo colonial, da monocultura, da escravidão, do latifúndio e das práticas servis e clientelistas que rondavam as relações sociais da época. É durante este período que se tem por contexto os romances de Caminha (BOMFIM, 1998; ROMERO, 2001).

Para se chegar a este pensamento higienista, que calcou os escritos de Rodrigues (2008a), deveríamos retornar as técnicas antropométricas relatadas na obra de Schwarz (1993). A autora menciona que tais técnicas nasceram dentro de um contexto criminalista, legalista Europeu, o qual se utilizou de mensurações ósseas entre brancos e negros, para se determinar se aquele indivíduo poderia ter propensões, por exemplo, ao crime.

Daí o pensamento racista presente na obra literária, na formatação de aspectos animalescos e de degenerescência que rondam o personagem negro (Amaro), mesmo que a relação inter-racial protagonizada na obra seja vista socialmente como um desvio, uma aberração as leis naturais que rondam a sexualidade humana.

A não separação entre os elementos biológicos e sociais, a degenerescência a qual estava submetida o povo brasileiro (na criação do tipo “mestiço”) são argumentos indispensáveis para se pensar o Brasil nos anos iniciais da República. Neste sentido, o lugar ao qual este autor fala é um limiar entre as ciências sociais e a medicina, sendo povoado por discussões teóricas que envolvem poligenistas e monogenistas, a degenerescência como fator de transmissão hereditária e a inviabilidade de desenvolvimento de um país povoado por mestiços (BOMFIM, 1998; ROMERO, 2001).

Tendo por premissas o darwinismo social em conexão com a antropologia criminal (destaque para as teorias lombrosianas), agregando a uma particularidade brasileira que seria a fusão de diversos grupos étnicos/raciais, formou-se o que os pensadores da época, a exemplo de Rodrigues (2008a), denominaram do mito da mestiçagem, o que para os intelectuais assume o caráter degradante de nosso país. Assim, a sua filiação as teorias de diferenças ontológicas entre as raças, no qual os seres humanos seriam agrupados segundo aspectos biológicos, colocando-os em categorias raciais superiores e inferiores. Nesses termos, há uma desvalorização dos aspectos históricos e



uma hegemonia dos critérios biológicos, como causas explicativas do “nosso atraso como nação”.

Em Freyre (1996), a questão da sexualidade mereceu grande discussão, destacando, por exemplo, que eram as escravas que corrompiam sexualmente os brancos. Sua posição social, as das mulheres em situação de escravidão, ascenderia com um filho de um senhor branco, por isso estas relações sexuais para este autor eram vistas como estratégia para a ascensão social e não como decorrência da questão hierarquizante da colônia cujo homem branco (senhor) utilizava a força para manter relações sexuais com as suas escravas. A posição de Munanga (2006) para tal fato aponta que na construção da identidade nacional, o que o pensamento freyriano veio a contribuir, o mulato era o fruto máximo desta “mistura racial” ocorrida no Brasil, alicerçada na reconstrução e fragmentação da identidade negra.

Todavia, os marcadores de gênero e sexualidade potencializam a discussão no sentido em que são tratados, à época, como desvios, passíveis de correção ou regeneração, como na narrativa de *Bom Crioulo* (MOTT, 1988). A regeneração do Aleixo foi decorrente do seu envolvimento amoroso com a portuguesa D. Carolina e a correção ao desvio sentimental do negro Amaro foi o seu internamento e o esquecimento social. Com isso, a narrativa literária aponta o pensamento social da época tanto no que tange ao marcador racial como também as categorias gênero e sexualidade uma vez que, conforme apontado por Rodrigues (2008a, 2008b), seria o negro o elemento degenerativo da sociedade brasileira.

166

A sexualidade como marcador social entre homens

As diferenças entre os indivíduos são construídas socialmente e originárias de diversas ordens, como por exemplo: de gênero, sexualidade, social, raça/etnia e outros. No conflito discursivo em torno das construções sexuais Miskolci (2009) evidencia a questão da normalização, na qual os teóricos *queer* alicerçados especialmente pelas idéias de Foucault contrapõem-se ao nome único para designar às sexualidades não heterossexuais, no caso a homossexualidade, (termo único que castraria as diferenças), pois a utilização de um único nome para designar uma diversidade de comportamentos sexuais não é algo satisfatório.



A importância da configuração social da sexualidade nos leva a entender como se dá o processo de humanização dos instintos sexuais (BOZON, 2004; FRY, 1982; MOTT, 1988). E tendo por contexto o Brasil Colônia a configuração animalesca dada ao ser negro (RODRIGUES, 2008b) é diferente do requinte, da delicadeza atribuída ao ser de tez mais clara. Com isso, a configuração sexual também perpassa por estes estereótipos: natural, atribuído ao ser negro, e cultural, ao elemento branco. Conforme pode se notar nesta passagem:

A construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana. Enquanto a programação biológica continua sendo predominante na sexualidade animal, os homens, como ‘animais desnaturados’ que se tornaram, já não sabem mais se comportar sexualmente por instinto. Eles não só necessitam de um aprendizado social para saber de que maneira, quando e com quem agir sexualmente, como não conseguem agir sem dar um sentido aos seus atos (BOZON, 2004, p. 13).

Aponta o excerto, à construção social diferencia o fator sexual humano da dos demais animais. Nesse sentido, Bozon (2004) destaca que na sexualidade humana, por receber influência social, são “desnaturados”, ou melhor, não mais naturalizados, por isso “já não sabem mais se comportar sexualmente por instintos”. Levando se em consideração o romance *Bom Crioulo*, a relação que se configura entre Amaro e Aleixo não é uma relação de desnaturalização conforme o autor aponta, pelo menos em relação ao negro Amaro, já que o mesmo é descrito como puramente instintivo (natural), louco, chegando à selvageria com a separação do casal (MOTT, 1988).

Neste sentido foi atribuído no trabalho o termo “relações entre homens” e não homossexualidade ou relação pederástica ou de coito anti-natural. O termo “relação entre homens” não é um rótulo e sim uma forma de se referir ao casal Amaro e Aleixo, tal referência foi pensada a partir da carga discursiva e teórica que os termos listados, acima trazem para a análise deste romance e também pelo contexto histórico que passa a obra, período finissecular XIX.

O pensamento de Michel Foucault (2009, 1988) nos auxilia pensar tanto em relação à construção da sexualidade humana como também na produção dos discursos sobre a dimensão pública desta sexualidade. Em *Bom Crioulo* temos uma relação sexual inter-racial entre homens, vista na época como anormal e desviante dentro de um contexto de civilidade que se pretendia para o Brasil. Apesar do contexto ao qual Foucault reporta-



se em seus escritos não ser o brasileiro, ele nos fornece instrumentos interpretativos para pensarmos a construção da sexualidade dentro de uma sociedade dita pudica e arraigada de valores cristãos. Para tanto, deve-se também interpretar os discursos que são produzidos ou evocados em torno da sexualidade. Foucault (2009, 1988) fornece subsídios para entender a questão da trajetória histórica da sexualidade durante o período vitoriano na Inglaterra, como também demonstra mecanismos para pensar na confecção do discurso em torno da sexualidade.

Costa (1979), assim como Foucault (2009), aponta um processo de ligação entre a vontade de verdade e a questão do poder no processo discursivo. Entre estes múltiplos discursos podemos inserir questões de sexualidade e de raça. Para Costa (1979), a família burguesa, típica do período descrito na narrativa literária *Bom Crioulo*, fruto da sociedade “civilizada e modernizadora” é norteada por dois grandes pilares os mecanismos de repressão legal e os dispositivos normativos. No primeiro temos a legalização do comportamento, através do aparato jurídico do Estado-Moderno. Já no segundo, a configuração cultural, de projeto de civilidade (aproxima-se do pensamento de Elias, 2011, para o refreamento das pulsões).

Em relação ao projeto de civilização e urbanização no Brasil, vemos pela história do nosso país que ela toma corpo no final do século XIX e início do século XX quando a classe burguesa com receio que o país retornasse a categoria de colônia portuguesa mobiliza diversos setores da sociedade, como intelectuais, literatos, banqueiros, profissionais liberais e outros e empunham uma bandeira de civilidade e de modernização. Neste sentido, colocam a Europa (população, clima, vestuário entre outros elementos) como referencia de desenvolvimento e todo e qualquer elemento que não estivesse atrelado a ele deveria ser rechaçado. Portanto, pode-se entender o que os elementos indígenas e africanos sofreram (MISKOLCI; BALIEIRO, 2011).

A sexualidade entre homens: olhar sobre a relação entre Amaro e Aleixo

A sexualidade deve ser entendida como uma categoria a qual é construída socialmente e por ela transformada. Os instintos sexuais presentes nos homens quando transportados para a sociedade estes são polidos, limitados (BOZON, 2004) de acordo com o que é normativo ou legalizado (vide Foucault, 1988). De acordo com Mott (1988) e Vainfas (1997), a linguagem erótica - e sendo mais específico a linguagem homossexual



- no período colonial brasileiro é norteada por normas que a tratam como imoral, todavia tais autores não relatam no nosso contexto proibições legais sobre o coito entre pessoas do mesmo sexo. Tal “imoralidade” é agravada ou totalmente rechaçada quando o casal é inter-racial, conforme apresentado na obra em análise (MISKOLCI, 2011; 2006).

É válido mencionar que a categoria raça para Munanga (2004) foi transportada da Botânica e da Zoologia como mecanismo de legitimar as relações de dominação e de sujeição entre as classes sociais, sem que houvesse diferenças morfo-biológicas entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. Com o tempo e a partir do século XVIII, os cientistas europeus passaram a utilizar destas classificações e sub-classificações da biologia para o meio social, a partir especialmente da publicação do pensamento darwinista. Seguindo o pensamento evolucionista das espécies defendida por Charles Darwin, estabeleceram critérios como composição da pele, quantidade de melanina, características fenotípicas, tamanho do nariz, crânio, lábios e outros, e depois estudos sanguíneos, elementos genotípicos e, com isso, racializou a humanidade em três grandes sistemas: raça branca, raça negra e raça amarela (MUNANGA, 1988).

E foi a partir da configuração racial acrescido da hierarquização social que colocou o elemento negro no mais baixo escalão. A obra romanesca aqui analisada segue neste ambiente de presença das idéias racialistas e de suas consequências para o elemento negro constituinte do Brasil. O livro *Bom Crioulo*, conforme apontado anteriormente, ambienta-se dentro do período Naturalista da literatura brasileira e como tal carrega em suas linhas características em torno do cientificismo e das ideias racistas do século XIX. Neste sentido, o negro tratado no romance é fruto do constructo intelectual racista e civilizador.

A obra *Bom Crioulo* foi primeiramente publicada em 1895 na cidade do Rio de Janeiro, na época capital do Brasil, tendo por autor o jovem Adolfo Caminha, de apenas 28 anos. O autor passou uma parte de sua vida na Escola Naval cuja saída dar-se-ia por conta do envolvimento amoroso com a esposa de um oficial do Exército (CAMINHA, 1983).

Na mesma esteira da descrição do negro, não mais focada em sua força física sobre humana e de seu jeito animalesco, temos uma descrição de seus sentimentos para o Aleixo. Como forma de contextualizar esta passagem, observamos quando o personagem encontra-se afastado do grumete e embarcado no “encouraçado” (assim é denominado o segundo navio que embarca):



E o negro ficou pensando no grumete, sentado à mesa, de crista caída, esgravatando maquinalmente a unha com um fósforo. – ‘Aquilo’ não ia bem... Precisava tomar uma resolução: abandonar o Aleixo, acabar de uma vez, meter-se a bordo, ou então amigar-se aí com uma rapariga de sua cor e viver tranquilo. Estava emagrecendo à toa, não comia, não tinha descanso, em termos de adoecer, de apanhar uma moléstia, por causa do ‘senhor Aleixo’. Se ao menos pudesse vê-lo todos os dias, como na corveta...; mas assim, longe um do outro? Não valia a pena, era cair no desfrute... (CAMINHA, 1983, p. 50)

Aleixo fora ao longo da narrativa descrito como um personagem com tratos femininos e delicados, conforme se percebe:

Era uma pena, decerto, ver aquele rosto de mulher, aquelas formas de mulher, aquela estatuazinha de mármore, entregue às mãos grosseiras de um marinheiro, de um negro... Muita vez o pequeno fora seduzido, arrastado. Ela até fazia um benefício, uma obra de caridade... Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime! Se Aleixo havia de se desgraçar nas unhas do negro, era mulher que ela, uma mulher, o salvasse (*op. cit.*, p. 58-59).

Entretanto, quando o mesmo inicia-se o seu relacionamento com D. Carolina, tal imagem passa a ser paulatinamente desconstruída e a ter uma personificação masculina, como nota-se no trecho abaixo:

Aleixo ia passando uma vida regalada, ora em terra, ora a bordo da corveta, sem outros cuidados que não os da sua rude profissão. Estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado. Em pouco tempo adquirira uma expressão admirável de robustez física, tornando-se ainda mais belo e querido. A portuguesa, essa viva dele; amava-o, adorava-o! (CAMINHA, 1983, p. 64-65).

Em ambos os fragmentos percebemos a transformação física ocorrida em Aleixo devido ao caráter redentor do seu envolvimento com D. Carolina. Os fragmentos apontam que o relacionamento com a portuguesa ocasionou não só transformações corpóreas em Aleixo como também o regenerou de sua docilidade e de seus trejeitos femininos tão exaltados por Amaro.

O primeiro contato de ambos foi subsequente a um “atentado contra a natureza” praticado por outro marujo Herculano, um rapaz franzino e que vivia isolado dos outros:



Ora, aconteceu que, na véspera desse dia, Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. (...) cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados. (...). No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem (*op.cit.*, p. 13-14).

Este mesmo crime contra a natureza foi sentenciado junto com o descontrole de Amaro com um tripulante por conta da seguinte acusação “Bom-Crioulo esmurrara desapidadamente uma segunda-classe, porque este ousara, ‘sem o seu consentimento’, maltratar o grumete Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se ‘cousas’” (p. 16).

No fragmento aponta-se a questão do zelo, cuidado por parte de Amaro para Aleixo. Com a descrição do autor para a vida pregressa do marinheiro tais sentimentos nunca tinham sido despertados, nem por homem ou por mulher. Todavia, após ter sido descrito como “rudo como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; [...], no fim de alguns meses, todos eram de parecer que ‘o negro dava para gente’” (CAMINHA, 1983, p. 18).

Aleixo quando se envolve com D. Carolina acaba assumindo uma postura de repugnância e de solidariedade já que, conforme aponta Mott (1988), a homossexualidade inter-racial no contexto colonial brasileiro era permeada de questões ligadas ao binarismo macho e fêmea. No caso deste casal literário ainda percebemos os nortes de “civildade” em Aleixo e de “natureza” em Amaro, como se aponta:

Aleixo nesse dia estava de folga, e muito cedo, cousa de uma hora, veio à terra impelido por uma grande saudade que o fazia agora escravo da portuguesa. Receava encontrar Bom-Crioulo, ter de o suportar com os seus caprichos, com o seu bodum africano, com os seus ímpetos de touro, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficava abominado o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. Tinha pena dele, compadecia-se, porque, afinal, devia-lhe favores, mas não o estimava: nunca o estimara! (CAMINHA, 1983, p. 56).

A todo o momento, conforme aponta o pensamento de Rodrigues (2008a; 2008b), o autor descreve o negro como um ser inferior, visto como de menor escalão e bem próximo do natural, da natureza. Para Bozon (2004) ao retratar a questão da história da



sexualidade, acrescido ao encantamento da natureza, o qual Amaro é vinculado:

Em todas as construções culturais da sexualidade, a prática lícita se distingue de uma prática ilícita ou transgressiva, cujas definições variam. (...). ... na Antiguidade grega e romana, enquanto a sexualidade lícita para as mulheres livres se limitava à reprodução dentro do casamento, todos os prazeres eram permitidos aos homens livres adultos, desde que não pusessem em risco a sua posição social... (BOZON, 2004, p. 25).

Com o sumiço de Amaro, Aleixo já “acostumado” com a prática sexual entre homens instrui a licitude dela: “podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado ‘àquilo’... o próprio Bom-Crioulo dissera que não se reparavam essas cousas no Rio de Janeiro” (CAMINHA, 1983, p. 43).

Mesmo sendo um ex-escravo, Amaro ocupa um espaço de poder, no caso pertencer à Marinha. Isso é utilizado por Aleixo como uma ferramenta de ascensão, já que logo cedo Aleixo passa a dominá-lo como se fosse uma mulher, como pode se ver neste trecho:

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã (CAMINHA, 1983, p. 21).

É nítida a percepção de que o “desejo fisiológico” apresentado na passagem tem ligação com os instintos, conforme descrito “atração animal”. Segue na linha de pensamento de Bozon (2004) que o que regula a relação deste casal do início da República é o binarismo natureza *versus* cultura e, concomitantemente, os papéis sexuais de macho e fêmea.

De acordo com a narrativa, não se pode atribuir estes papéis sexuais ao contexto social público, uma vez que não se têm descrições pormenorizadas de aparições públicas das personagens analisadas, Amaro e Aleixo, fora do contexto da pensão de D. Carolina.



Neste sentido, a construção da sexualidade destas personagens dar-se-á dentro de um universo privado, do quarto alugado por Amaro para seus encontros em terra com Aleixo.

A dominação que Aleixo exercia sobre os sentimentos de Amaro o desnor-teava. Neste sentido Bourdieu (1999), ao narrar fatos da sociedade Cabília, aponta que a diferenciação dos papéis sexuais é organizada de acordo com as tarefas desenvolvidas, cujo papel masculino está atrelado ao provimento da família, ao sexo. Já o papel exercido pela fêmea, ser cuidadosa com a casa e com o cônjuge, estar sempre apta a saciar os desejos sexuais do macho, assim como sempre bela para o seu homem. Bom-Crioulo o tratava assim e Aleixo correspondia:

Gabando-se de conhecer ‘o mundo’, Bom-Crioulo cuidou primeiro lisonjear a vaidade de Aleixo, dando-lhe um espelhinho barato que comprara no Rio de Janeiro – ‘para que ele visse quanto era bonito’. O pequeno mirou-se e... sorriu, baixando o olhar. – Que bonito o quê!... Uma cara de carneiro mocho! – Mas não abandonou o trastezinho, guardando-o com zelo no fundo da trincheira, como quem guarda um objeto querido, uma preciosidade rara, e todas as manhãs ia ver-se, deitando a língua fora, examinando-se cuidadosamente, depois de ter lavado o rosto (CAMINHA, 1984, p. 25).

173

Aleixo, conforme se percebe na passagem, também corresponde ao ideário de beleza atribuído ao ser feminino imaginado por Amaro, este mesmo ideal está descrito na primeira relação sexual com penetração anal dos dois, como se vê:

Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... (...) – Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se. (...) E consumou-se o delito contra a natureza (*op. cit.*, p. 30).

A cena narrada acima é mais um momento da obra literária em que se apontam ferramentas para o entendimento da construção da sexualidade do casal protagonista da narrativa. Construção esta que se dá entremeada de marcadores sexuais bem delimitados do universo masculino, no caso de Amaro, e do universo feminino, com Aleixo.

Mesmo com o desenrolar da história, após o encontro entre os personagens e a dona da pensão D. Carolina, a portuguesa já tinha percebido que “o negro não era homem



para mulheres” (CAMINHA, 1984, p. 36). Dona Carolina olha Aleixo como uma menina, ela carinhosamente o tratava como “*bonitinho*” “Achava uma graça infinita naquele pedacinho de homem vestido de marinheiro, alvo e louro sempre muito bem penteado, o cabelo sedoso, os borzeguins lustrosos, todo ele cheirando a essência, como uma rapariga que se vai fazendo mulher...” (*op.cit.*, p. 39).

Assim como Amaro, D. Carolina o via como uma mulher que desabrochava, este estereótipo reforçava a visão de fragilidade, de ser feminino., conforme se vê nesta fala da portuguesa “– Vocês acabam tendo filhos, gracejava D. Carolina” (*op. cit.*, p. 41). Amaro alternava entre a vida de embarcado e em terra, com o seu grumete, percebia as modificações do corpo do menino, pois assim que o conheceu ele percebeu que só “faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!...” (p. 39).

Todavia, com o envio de Bom-Crioulo para outro navio, esta cumplicidade e complementariedade entre eles fora diminuindo e gradualmente a relação entre D. Carolina e Aleixo foi se estreitando. Até chegar o momento que os dois últimos passaram a viver juntos e Amaro como estava embarcado neste período acabou adoecendo, o que levou a ficar no hospital durante muito tempo. Não aguentando mais de saudade acabou fugindo do hospital e retornando a pensão, quando percebeu os dois juntos.

A relação entre Dona Carolina e Aleixo era uma relação sexual, mesmo que em diversos momentos o segundo fosse visto como uma mulher, com cuidados com a beleza e com a roupa. Como não tinha como se manter sozinho, acabou vivendo à custa do dinheiro da primeira. Neste sentido, o provedor do lar de Aleixo foi transferido do mulato Amaro para a dona da pensão, a portuguesa Dona Carolina⁴. Desta feita, de maneira genérica o que orientou a relação amorosa entre Aleixo e Dona Carolina também foi o binarismo masculinidade e feminilidade, uma vez que a portuguesa continuou bancando os caprichos e a beleza do jovem rapaz. Todavia, o romance não atribui a personagem de Dona Carolina vontade e desejos animais, conforme era visto com Amaro. É atribuída a esta senhora o carinho, o afago, o cuidado, por isso não se entende a esta nova relação, Aleixo e Dona Carolina, a dicotomia “natureza *versus* cultura”, já que ambos tratam-se “civilizadamente”.

⁴ É válido mencionar que o romance não expõe um triângulo amoroso entre Amaro, Aleixo e Dona Carolina. Paulatinamente estes dois últimos personagens iniciaram uma relação amorosa, quando Amaro começou a não dar mais notícias por conta da sua transferência para outra embarcação e nem visitar Aleixo, conforme se via em outrora.



A construção da sexualidade do casal Amaro e Aleixo dar-se-á pela demarcação dos atributos dos papéis de masculinidade e feminilidade bem delimitados, em que não se há intercruzamento ou misturas de papéis, uma vez que os instintos carnais de Amaro como também de provedor da casa e do trabalho o colocam no patamar de homem, macho. Já em contraposição o corpo frágil, os traços femininos, o “só falta seios para ser mulher” iguala Aleixo a uma fêmea, ao zelo, ao cuidado. Por conta disso, o caráter instintivo de Amaro atrela-se a “natureza” e a delicadeza de Aleixo à “cultura”.

Abstract: The guiding question of this study is to understand how categories race and sexuality appear in the relationship between Amaro and Aleixo in an interracial context of men in the book *Bom Crioulo*. How the morals, customs of the nineteenth century appear in the literary work of Adolfo Caminha are one of the established objectives, as well as try to demonstrate how sexuality present in inter-racial relationship is treated according to the period of literary production of the author. Among the conclusive notes realizes that the construction of sexuality occurred due to the relationship between the demarcation of gender roles especially regarding masculinity in Amaro, and femininity in Aleixo, as well as the binary: nature *versus* culture.

Keywords: *Bom Crioulo*. Literature. Race. Sexuality.

Referências

ALMEIDA, Miguel Valle de. “Não desejarás o teu próximo. A homossexualidade como pecado, crime e doença”. In: Baptista, F. O. et. al. (Orgs.) *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*. Lisboa: JNICT, 1989.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSIS, Machado de. *Mariana*. Disponível em <http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos/CONTO,%20Mariana,%201871.htm>> Acessado em 15 abr. 2014.

AZEVEDO, Sânzio de. *Novos ensaios de literatura cearense*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1992.

BASTIDE, Roger. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BOMFIM, Manoel. *O Brasil Nação*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.



BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Difel: Lisboa, Portugal, 1989.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick; LANDAIS, Etienne. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

CABRAL, Rebeca. *Obra Bom-Crioulo: fragmentos*. Disponível em <<http://vestibular.brasilecola.com/resumos-de-livros/o-bom-crioulo.htm>>. Acessado em 15 abr. 2014.

CAMINHA, Adolfo. *Contos*. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

_____. *Bom-crioulo: texto integral*. São Paulo: Ática, 1983.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. Ática: SP, 1989.

176

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 4 ed.rev. e atual. São Paulo: Global, 1997.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. 7. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. São Paulo: Graal, 1979.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2011. 2v.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 6. ed. rev. São Paulo, SP: Global, 2004.

_____. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HEILBORN, Maria Luiza. “Usos e Abusos da Categoria de Gênero” In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.) *Y Nosotras latinoamericanas?* estudos sobre gênero e raça. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.



LACLAU, Ernesto. Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: AMARAL, JR. A.; BURITY, J. (Orgs.). *Inclusão social, identidade e diferença perspectiva pós-estruturalista de análise social*. São Paulo: Anna Blumme, 2006

_____. Sujeito da política, política do sujeito. *Política Hoje*. Revista semestral do Mestrado em Ciência Política da UFPE. Recife, v. 4, nº 7, janeiro a junho de 1997.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico crítico – filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MICELI, Sergio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 1, abr. 2003.

MISKOLCI, Richard. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. *Caderno de Saúde Pública*, Jan 2006, vol.22, n.1, 2006.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, jun. 2009.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, fev 2011, vol. 26, n. 75, 2011.

MOREIRA, Núbia Regina. *Afetividade e solidão em Mariana*. Anais do 13º Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, Maceió, 2007.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo, SP: Ícone, 1988.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. *Política e Sociedade: Revista de Sociologia Política/UFSC*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, v. 1, nº 3, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 2.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.) *Cadernos Penesb 5*. Niterói: UFF, 2004.

_____. *Negritude: usos e sentidos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

NOVAIS, Fernando A. (Coord). *História da vida privada no Brasil: república: da belle*



épouqe à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese de Doutorado em Ciências Sociais: IFCH, Campinas, 2008.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2.reimp. São Paulo: UNESP, 1998.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 15, número 4, out/dez, 2008a.

RODRIGUES, Nina. Introdução. In: *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008b, p. 19-26.

ROMERO, Sílvio. *Compêndio de história da literatura brasileira*. Colaboração João Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, Ed. UFS, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000.

SCHWARZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

178

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra* – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC/SP, São Paulo, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: Laura de Mello e Souza. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 5.

WILLAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.